

MILAN KUNDERA

A VIDA ESTÁ EM OUTRO LUGAR

Tradução

Denise Rangé Barreto



Copyright © Milan Kundera, *La vie est ailleurs* 1973
É proibida toda e qualquer adaptação da obra

*Tradução anteriormente publicada pela editora Nova Fronteira S.A., feita com base na tradução francesa *La vie est ailleurs*, de François Kérel, que por sua vez foi feita a partir do original tcheco.*

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original

Život Je Jinde

Capa

Jeff Fisher

Preparação

Silvana Afram

Revisão

Juliane Kaori

Gabriela Morandini

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Kundera, Milan

A vida está em outro lugar / Milan Kundera ; tradução Denise Rangé Barreto. — 1. ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2012.

Título original: Život Je Jinde.

ISBN 978-85-359-2015-4

1. Romance tcheco 1. Título.

11-13152

CDD-891.863

Índice para catálogo sistemático:

1. Romances : Literatura tcheca 891.863

2012

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORASCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

SUMÁRIO

Primeira parte <i>ou</i> O poeta nasce	7
Segunda parte <i>ou</i> Xavier	75
Terceira parte <i>ou</i> O poeta se masturba	103
Quarta parte <i>ou</i> O poeta corre	173
Quinta parte <i>ou</i> O poeta tem ciúme	197
Sexta parte <i>ou</i> O quadragenário	287
Sétima parte <i>ou</i> O poeta morre	309
Sobre o autor	331

Primeira parte

ou

O POETA NASCE

1

Quando a mãe do poeta se perguntava onde o poeta fora concebido, apenas três possibilidades eram levadas em consideração: uma noite sobre um banco de praça, uma tarde no apartamento de um amigo do pai do poeta, ou uma manhã num lugar romântico dos arredores de Praga.

Quando o pai do poeta fazia-se a mesma pergunta, chegava à conclusão de que o poeta fora concebido no apartamento de seu amigo, pois naquele dia tudo tinha saído errado. A mãe do poeta recusava-se a ir à casa do amigo do pai, por duas vezes brigaram e por duas vezes se reconciliaram, enquanto faziam amor a fechadura do apartamento vizinho rangerá, a mãe do poeta assustara-se, interromperam, recomeçaram a fazer amor e terminaram com um nervosismo recíproco ao qual o pai do poeta atribuía a concepção do poeta.

A mãe do poeta, por outro lado, não admitia nem por um segundo que o poeta tivesse sido concebido num apartamento emprestado (reinava ali uma desordem de solteiro, e a mãe observava com repugnância o lençol da cama desfeita onde estava jogado o pijama amassado do desconhecido) e rejeitava também a possibilidade de que ele tivesse sido concebido sobre um banco de praça onde ela só se deixara convencer a fazer amor contra a sua vontade e sem prazer, pensando enojada que quem fazia amor assim, sobre os bancos das praças, eram as prostitutas. Portanto ela estava absolutamente convencida de que o poeta só poderia ter sido concebido duran-

te uma manhã ensolarada de verão, à sombra de um grande rochedo que se erguia pateticamente em meio a outros rochedos num pequeno vale onde os habitantes de Praga costumam passear aos domingos.

Essa paisagem, por diversas razões, convém à concepção do poeta: iluminada pelo sol de meio-dia, é uma paisagem não de escuridão mas de luz, de dia, não de noite; é um lugar situado ao centro de um espaço natural aberto, portanto um lugar feito para o voo e para as asas; e por fim, sem estar muito afastada dos últimos imóveis da cidade, é uma paisagem romântica salpicada de rochedos surgidos de um solo selvagemente recortado. Para a mãe, tudo isso parecia uma imagem expressiva do que ela vivia então. Seu grande amor pelo pai do poeta não era uma revolta romântica contra a placidez e a regularidade da vida de seus pais? Não havia aí uma discreta semelhança entre a audácia que estava demonstrando, ela, filha de ricos comerciantes, escolhendo um engenheiro sem um tostão que apenas acabara de terminar seus estudos, e aquela paisagem indomável?

A mãe do poeta estava vivendo então um grande amor, mesmo que àquela bela manhã passada ao pé do rochedo viesse a suceder uma decepção. Realmente, quando foi anunciar a seu amante, com uma alegre excitação, que a indisposição íntima que costumava incomodá-la todos os meses de sua vida estava atrasada alguns dias, o engenheiro afirmou com uma indiferença revoltante (mas, parece-nos, fingida e embaracada) que se tratava de uma insignificante perturbação do ciclo vital que certamente retomaria seu ritmo correto. A mãe percebeu que seu amante recusava-se a partilhar de suas esperanças e de suas alegrias, sentiu-se ferida e não falou mais com ele até o dia em que o médico anunciou-lhe que estava grávida. O pai do poeta disse então conhecer um ginecologista que a livraria discretamente de suas preocupações, e a mãe explodiu em soluços.

Emocionantes conclusões das revoltas! Primeiro ela se revoltara contra seus pais em nome do jovem engenheiro, e depois correra para eles pedindo ajuda contra o rapaz. E os pais não a decepcionaram: foram ao encontro do engenheiro, falaram-lhe com franqueza, e o engenheiro, compreendendo claramente que não havia como escapar, consentiu num casamento pomposo e aceitou sem protesto um dote considerável que lhe permitia abrir sua própria empresa de construção; depois transportou sua modesta fortuna, que cabia dentro de duas malas, para a mansão onde a recém-casada vivia com seus pais desde o dia de seu nascimento.

A imediata capitulação do engenheiro, entretanto, não era capaz de esconder da mãe do poeta que a aventura em que se lançara com um atordoamento que lhe parecia sublime não representava o grande amor partilhado ao qual acreditava ter todo o direito. Seu pai era proprietário de duas prósperas drogarias em Praga, e a filha professava a moral das contas equilibradas; do momento em que tinha investido tudo no amor (não estava pronta a trair os próprios pais e seu tranquilo lar?), queria que seu parceiro investisse na caixa comum uma soma igual de sentimentos. Esforçando-se para reparar a injustiça, ela queria retirar da caixa comum o afeto que ali depositara, e após o casamento ofereceria ao marido um rosto altivo e severo.

A irmã da mãe do poeta deixara recentemente a mansão da família (ela se casara e alugara um apartamento no centro de Praga), de maneira que o velho comerciante e sua esposa ficaram nos aposentos do térreo e o engenheiro e sua filha puderam instalar-se nas três peças do andar superior — duas grandes e uma menor — cuja arrumação era exatamente a mesma que o pai da recém-casada escolhera vinte anos antes, quando mandara construir a casa. Receber como lar um ambiente já todo instalado era um bom negócio para o engenheiro, já que além do conteúdo das duas malas já mencionadas

ele não possuía absolutamente nada; no entanto, ele sugeriu algumas pequenas alterações para modificar o aspecto dos aposentos. Mas a mãe do poeta não podia admitir que o homem que quisera entregá-la à lâmina de um ginecologista ousasse alterar a antiga disposição do interior onde habitavam a alma dos pais, vinte anos de doces hábitos, de intimidade recíproca e de segurança.

Mais uma vez o jovem engenheiro capitulou sem resistência e permitiu-se apenas um tímido protesto que fazemos questão de assinalar: no quarto do casal havia uma pequena mesa cujo pé robusto suportava um pesado tampo redondo em mármore cinza onde estava a estatueta de um homem nu; o homem tinha na mão direita uma lira apoiada contra o quadril ressaltado; o braço direito curvava-se num gesto patético, como se os dedos tivessem acabado de tocar nas cordas; ele tinha a perna direita à frente, a cabeça ligeiramente inclinada, e seus olhos estavam voltados na direção do céu. Diga-se ainda que o homem tinha um rosto muito bonito, os cabelos encaracolados, e que a brancura de alabastro em que fora esculpida a estatueta dava ao personagem algo de suavemente feminino ou de *divinamente* virginal; não é aliás por acaso que acabamos de usar a palavra divinamente: de acordo com a inscrição gravada no pedestal, o homem com a lira era o deus grego Apolo.

Mas raramente a mãe do poeta podia olhar para o homem com a lira sem que se zangasse. A maior parte do tempo, o que ele oferecia aos olhares era a sua retaguarda, ora servia de cabide ao chapéu do engenheiro, ora tinha um sapato pendurado à sua delicada cabeça, outras vezes ainda estava coberto por uma meia do engenheiro que, fedorenta, era uma profanação especialmente odiosa do mestre das Musas.

Se a mãe do poeta recebia tudo isso com impaciência, a única razão não era o seu parco senso de humor: na verdade ela percebera que pondo uma meia sobre o corpo de Apolo

o marido queria transmitir-lhe, com aquela brincadeira, o que dissimulava com seu silêncio: que rejeitava seu universo e que capitulara apenas provisoriamente diante dele.

Assim o objeto de alabastro tornou-se um verdadeiro deus antigo, isto é, um ser do mundo sobrenatural que intervém no universo humano, embaralha os destinos, conspira e desvenda o segredo. A jovem recém-casada considerava-o seu aliado, e sua sonhadora feminilidade fez dele uma criatura viva, cujos olhos adquiriam às vezes as cores de íris ilusórias e cuja boca parecia respirar. Ela apaixonou-se por aquele pequeno homem nu, que se humilhara por ela. Contemplava seu rosto encantador e começava a desejar que a criança que crescia em seu ventre se parecesse com aquele belo inimigo do esposo. Queria que se parecesse com ele a tal ponto que chegou a imaginar que nascera por obra não do esposo, mas do jovem da estatueta. E implorava-lhe que, por intermédio de sua magia, retificasse os traços do embrião, transformasse-os, transfigurasse-os, como fizera outrora o grande Ticiano quando pintava um de seus quadros sobre uma telha estragada de um aprendiz.

Tomando instintivamente como modelo a Virgem Maria, que foi mãe sem a interferência de um procriador humano e transformou-se assim no ideal de um amor materno em que o pai não se mistura e não vem semear a discórdia, ela experimentava o desejo provocante de chamar o filho de Apolo, pois esse nome significava para ela *aquele que não tem pai humano*. Mas ela sabia que seu filho teria uma vida dura carregando um nome tão pomposo e que seriam, tanto ele quanto ela, alvos de pilharia. Procurou então um nome tcheco que fosse digno do deus juvenil da Grécia e pensou no nome de Jaromil (que significa *aquele que ama a primavera* ou *aquele que é amado pela primavera*), e essa escolha foi aprovada por todos.

Aliás, foi exatamente na primavera, quando os lilases es-

tavam em flor, que ela foi levada para a maternidade; lá, após algumas horas de sofrimento, o jovem poeta deixou-se es-corregar de sua carne sobre o lençol manchado do mundo.

2

Depois o poeta foi posto num berço perto de sua cama e ela pôde ouvir os gritos deliciosos; seu corpo dolorido estava repleto de orgulho. Mas não invejemos essa altivez; até então esse corpo não passara por nada, apesar de ser razoavelmen-te bem-feito: é verdade que tinha as ancas um tanto inex-pressivas e as pernas um pouco curtas, mas por outro lado o busto era extremamente jovem, e sob os cabelos finos (tão lisos que era difícil arranjar-lhes um penteado) exibia um rosto talvez não resplandecente, mas de um charme discreto.

Mamãe sempre fora bem mais consciente de sua discri-ção do que de seu charme, ainda mais que vivera desde a infância junto a uma irmã mais velha que dançava admiravelmente, vestia-se no melhor costureiro de Praga e, munida de uma raquete de tênis, penetrava à vontade no mundo dos homens elegantes, virando as costas à casa natal. A evidente impetuosidade da irmã confirmou-a em sua modéstia agas-tada e ela aprendeu, por protesto, a gostar da gravidade sen-timental da música e dos livros.

É verdade que, antes de conhecer o engenheiro, ela saíra com outro rapaz, estudante de medicina, que era filho de amigos de seus pais, mas aquela ligação não foi suficiente para dar muita segurança ao seu corpo. Depois que ele a iniciou no amor físico numa casa de campo, ela rompeu com ele no dia seguinte, com a certeza melancólica de que nem os seus sentimentos nem os seus sentidos jamais conheceriam o grande amor. E como acabara de passar nos exames de con-clusão do curso secundário, anunciou que queria encontrar

o sentido de sua vida no trabalho e decidiu inscrever-se (apesar da desaprovação de seu pai, que era um homem prático) na faculdade de letras.

Seu corpo desgostoso já passara quatro ou cinco meses sobre o grande banco do anfiteatro universitário quando encontrou na rua um jovem engenheiro insolente que o interpelou e apoderou-se dele ao fim de três encontros. E como desta vez o corpo estava enormemente (para sua surpresa) satisfeito, a alma logo esqueceu a ambição de uma carreira universitária e (como sempre deve fazer uma alma sensata) apressou-se em prestar concurso para o corpo: ela concordou de bom grado com as ideias do engenheiro, com sua alegre despreocupação, com sua irresponsabilidade encantadora. Mesmo sabendo que todas essas qualidades eram estranhas à sua família, queria identificar-se com elas, pois ao seu contato seu corpo tristemente modesto parava de duvidar e começava, para seu próprio espanto, a gozar de si mesmo.

Será que finalmente era feliz? Não completamente: ela oscilava entre as dúvidas e a confiança; quando se despia diante do espelho olhava-se com os olhos dele e achava-se ora excitante, ora insípida. Entregava seu corpo à mercê dos olhos dos outros — e havia aí uma grande incerteza.

Mas apesar de hesitar entre a esperança e a dúvida ela saíra definitivamente da sua resignação prematura; a raquete de tênis de sua irmã não mais a desmoralizava; seu corpo finalmente vivia como um corpo e ela compreendia que era bom viver assim. Desejava que aquela vida nova fosse algo mais que uma promessa enganosa, que fosse uma verdade durável; desejava que o engenheiro a arrancasse do banco da faculdade e da casa dos pais e transformasse uma aventura de amor na aventura de uma vida. Foi por isso que acolheu a gravidez com entusiasmo: podia ver a si mesma, ao engenheiro e ao seu filho, e parecia-lhe que aquela tríade elevava-se até as estrelas e enchia o universo.